

DE OPRIMIDO A OPRESSOR – A TRAJETÓRIA DE PRUDÊNCIO, PERSONAGEM DE MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

FROM OPPRESSED TO OPPRESSOR – THE TRAJECTORY OF PRUDENTIO, CHARACTER OF POSTHUMAN
MEMORIES OF BRÁS CUBAS

Marcos Ramponi dos Santos⁹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar e discutir a questão do negro e sua opressão no romance Memórias Póstumas de Brás Cubas, na personagem de Prudêncio, escravo alforriado pelo pai de Brás Cubas, antes e depois de ser alforriado. Nesta pesquisa buscou-se desvelar como Machado de Assis se posiciona em relação ao assunto, deixando claro que ele possuía consciência da escravidão no seu tempo, retratando de forma crítica e sob o disfarce da ironia a causa escrava.

Palavras chave: Brás Cubas; Prudêncio; Escravidão.

ABSTRACT

This article aims to analyze and discuss the issue of black people and their oppression in the novel Memórias Póstumas de Brás Cubas, in the character of Prudêncio, a slave freed by Brás Cubas' father, before and after being manumitted. This research sought to unveil how Machado de Assis positions himself on the subject, making it clear that he was aware of slavery in his time, portraying the slave cause critically and under the guise of irony.

Key-words: Brás Cubas; Prudêncio; Slavery.

RECIFAQUI
Revista Científica da Faculdade Quirinópolis

INTRODUÇÃO

Memórias Póstumas de Brás Cubas é um romance que foi considerado a principal obra que deu início ao Realismo no Brasil, sendo publicada em 1881 na cidade do Rio de Janeiro. Marcou a carreira de Machado de Assis pela maturidade na escrita. Os temas abordados retratam a realidade da sociedade de seu tempo e representam uma guinada na literatura nacional, até então vivenciada pelo Romantismo.

O narrador é o Brás Cubas, cujo nome faz parte do título do livro e como ele mesmo mencionou: “[...] eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor [...]” (ASSIS, 1998, p. 18). Ele começa a escrever suas memórias, com muitos capítulos curtos, e narra de seu nascimento até sua morte, mas não de forma linear. O protagonista era membro da classe burguesa do Rio de Janeiro, nascido no início do século XIX.

⁹ Graduando em Letras pela Universidade Paulista - UNIP

A escrita machadiana nesta obra quebra os conceitos até então apresentados nas literaturas de sua época, marcados pelo Romantismo, que enaltecia os valores e privilégios da burguesia. Com tons de ironia e duras críticas à sociedade, Machado de Assis traz neste livro de maneira sutil, elementos que criticam as regalias da elite brasileira.

O objetivo deste artigo é analisar como Machado de Assis apresenta a questão da escravidão, a posição do negro como figura secundária, sua opressão e como ele é tratado pelos não negros, dando voz e colocando em evidência a personagem Prudêncio, escravo alforriado. Serão analisados quatro capítulos do livro: “O Menino é Pai de Homem”, “Na Tijuca”, “A Herança” e “O Vergalho”. Será apresentada qual a relação de Prudêncio com Brás Cubas, sua vida antes e depois de ser alforriado pelo pai de Brás Cubas e como ele reproduz as marcas da escravidão.

1 MACHADO DE ASSIS – VIDA E OBRAS

Joaquim Maria Machado de Assis, mais conhecido como Machado de Assis, nasceu na capital do Rio de Janeiro em 21 de junho de 1839 e faleceu em 29 de setembro de 1908, na mesma cidade. Foi romancista, teatrólogo, jornalista, cronista e poeta. Fundador da cadeira nº 23 da Academia Brasileira de Letras, foi presidente na mesma casa por mais de uma década que passou a ser conhecida como Casa de Machado de Assis (LETRAS, s.d.).

Filho de um pintor e de uma lavadeira açoriana, nasceu no Morro do Livramento e perdeu sua mãe logo cedo. Pobre e negro, teve uma infância difícil, sem condições de estudar em grandes instituições. Em 1856 começou a trabalhar na Imprensa Nacional e dois anos mais tarde, se tornou revisor no Correio Mecantil. Em 1860, a convite de Quintino Bocaiúva, passou a fazer parte da redação do Diário do Rio de Janeiro (ACHCAR & ANDRADE, 2006, p. 130-131).

Machado publicou inúmeras obras dos mais variados gêneros literários.

A obra de Machado de Assis abrange, praticamente, todos os gêneros literários. Na poesia, inicia com o romantismo de Crisálidas (1864) e Falenas (1870), passando pelo Indianismo em Americanas (1875), e o parnasianismo em Ocidentais (1901). Paralelamente, apareciam as coletâneas de Contos fluminenses (1870) e Histórias da meia-noite (1873); os romances Ressurreição (1872), A mão e a luva (1874), Helena (1876) e Iaiá Garcia (1878), considerados como pertencentes ao seu período romântico (LETRAS, s.d.).

Em 1881 publicou Memórias Póstumas de Brás Cubas, obra que marcou sua carreira e foi considerada o marco de sua maturidade como escritor. Com ela, deu início a uma nova escola literária, o Realismo.

O país vivia até então uma fase do Romantismo, movimento que valorizava os valores da nova burguesia, classe que ascendia ao poder. No Romantismo, os sentimentos e pensamentos são aflorados e fogem da realidade.

De acordo com Castro:

Opondo-se aos ideais clássicos, revividos pelo Arcadismo, o homem romântico nega o princípio de mimesis (imitação) e busca expressar sua realidade interior, sem se preocupar com a forma. Não segue modelos, busca exteriorizar livremente o que lhe vai à alma, liberta seu inconsciente, foge da realidade para um mundo por ele idealizado, de acordo com suas próprias emoções e desejos (CASTRO, 1993, 13).

No Brasil, o Realismo surgiu no campo político e econômico em decorrência do declínio financeiro do setor açucareiro, descontentamento da classe burguesa que estava em ascensão e crescimento dos Estados do Sul. Com esses fatores houve o acolhimento de ideias abolicionistas e republicanas. Em 1870, o movimento republicano fundou o Partido Republicano, que defendeu a luta pela troca do trabalho escravo pela mão-de-obra dos imigrantes (USP, s.d.).

O Realismo se refere a um estilo de época que predominou na segunda metade do século XIX. Neste estilo, a arte se separa da imaginação, do sonho, subjetividade e fantasia (FARACO & MOURA, 1998, p. 219).

Segundo Faraco e Moura, o Realismo:

[...] ocorre toda vez que a arte procura expressar o mundo de maneira objetiva, ou seja, deixando a imaginação, a subjetividade e o sentimentalismo em segundo plano. Nesse sentido:

- a) podemos falar em realismo toda vez que uma obra procura reproduzir objetivamente os dados observados na realidade, conforme ocorre no conto lido;
- b) esse realismo opõe-se a fantasia, imaginação. O termo aplica-se a obras que procuram imitar a vida real e que tem como fonte de assunto o mundo contemporâneo ao artista. A obra realista pretende ser documental, fotográfica, afastando o subjetivismo do artista (FARACO & MOURA, 1998, p. 218-219).

Já na literatura, o Realismo surgiu no país com a publicação de Memórias Póstumas de Brás Cubas, em 1881 e foi considerado o primeiro romance realista da literatura brasileira.

Segundo Eça de Queirós:

O Realismo é uma reação contra o Romantismo: o Romantismo era a apoteose do sentimento — o Realismo é a anatomia do caráter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos — para condenar o que houve de mau na nossa sociedade (QUEIRÓS apud NICOLA, 1990, p. 115).

No Realismo, a literatura representava a sociedade como ela é, sem utopias. Fazia duras críticas ao que acontecia, imprimindo as profundas transformações que o país estava vivenciando naquele momento.

Segundo Cademartori:

O cientificismo preponderante no pensamento, somado à industrialização progressiva e à vitória do capitalismo, cria o ambiente onde se deflagra o combate que se estenderá, por muito tempo, contra o sentimentalismo romântico, o tom confessional das obras, o convencionalismo da linguagem do Romantismo. A literatura produzida passa a apresentar as características das concepções em voga nesse período: busca a objetividade, crê na razão e preocupa-se com o social (CADEMARTORI, 1985, p. 44).

Verossimilhança é a escrita do Realismo. Neste estilo, suas personagens não precisam apresentar atributos virtuosos, que os distingam, tampouco são heróis ou heroínas, pelo contrário, são pessoas comuns, que tem vidas comuns, passam por dificuldades, lutas, tem anseios, partilham de vitórias e conquistas que estão ao alcance de todos.

Ainda segundo Cademartori:

Mesmo não havendo lugar para a metafísica, busca-se uma verdade para além dos fatos, assim como valores morais e estéticos que caracterizarão essa literatura como sendo de ação moralizadora. A descrição minuciosa que o escritor realista busca fazer da realidade é atravessada pela preocupação moral de detectar os vícios da sociedade. Com esse intuito, as mazelas da sociedade burguesa, tão bem mascaradas pelo otimismo da narrativa romântica, vêm à cena, revelando distúrbios e conflitos inéditos ao leitor do período anterior. A narrativa romântica apresenta como vitorioso até mesmo o fracasso da sociedade no embate contra a realidade. Na narrativa realista, ao contrário, mesmo quando o herói atinge seus objetivos práticos, é apresentado como vencido para o leitor. No Realismo, por primeira vez, revela-se o conflito do herói com a ordem social burguesa (CADEMARTORI, 1985, p. 45).

2 A PRESENÇA DO ESCRAVO E SUA INTERAÇÃO

Segundo observado por Sayers (1958, p. 387; p. 397-398), nas obras de Machado de Assis, a figura do negro com fator de relevância aparece em apenas um romance e quatro contos. Os espaços onde as histórias se desenrolam são os ambientes da cidade do Rio de Janeiro e as personagens que figuram estes espaços pertencem as camadas sociais da classe média, ou seja, são advogados, militares, pequenos comerciantes, funcionários públicos, jornalistas, etc. Deste modo, a figura do escravo não ganha destaque, a não ser como um elemento secundário. Dentro desse ambiente, o escravo figura apenas como parte das coisas que compõem o local, como os condutores, empregados domésticos, carregadores, entre outros.

Mas nem sempre os escravos ficavam em segundo plano, ou como figurantes mudos e inanimados, apenas compondo o ambiente. Há cenas que eles se tornavam os sujeitos ativos do ambiente e ganhavam vontade própria.

— E, se era joia, dizia isto a contemplá-la entre os dedos, a procurar melhor luz, a ensaiá-la em si, e a rir, e a beijar-me com uma reincidência impetuosa e sincera; mas, protestando, derramava-se-lhe a felicidade dos olhos, e eu sentia-me feliz com vê-la assim. Gostava muito das nossas antigas dobras de ouro, e eu levava-lhe quantas podia obter; Marcela juntava-as todas dentro de uma caixinha de ferro, cuja chave ninguém nunca jamais soube onde ficava; escondia-a por medo dos escravos (ASSIS, 1998, p. 47).

Os escravos ganham vida aqui, não são mais seres inanimados que apenas compõem o ambiente, pelo contrário, são associados com ladrões e com potencial para praticar furto ou roubo. Marcela era desconfiada e tinha medo de ser furtada pelos escravos. Infelizmente até em nossos dias as pessoas acabam associando os pobres e marginalizados e a cor de suas peles, com predominância para negros e mestiços, com o furto, roubo e outros atos criminosos.

Há outra cena em que os escravos ganham vida e passam a ter uma possível interação. Ganham olhos, ouvidos, boca e capacidade de comunicação. Não são mais como simples objetos de decoração, ou mudos, sem capacidade de relacionamento interpessoal. Brás Cubas teme que sua relação de adultério com Virgília fosse denunciada pelos fâmulos, escravos domésticos.

Havia, enfim, umas duas ou três senhoras, vários gamenhos, e os fâmulos, que naturalmente se desforravam assim da condição servil, e tudo isso se constituía uma verdadeira floresta de olheiros e escutas, por entre os quais tínhamos de resvalar com a tática e maciez das cobras (ASSIS, 1998, p. 109).

3 PRUDÊNCIO, O ESCRAVO ANTES E DEPOIS DE SER ALFORRIADO

O narrador nos dá detalhes de como eram seus dias e a partir disso temos conhecimento de sua rotina. Os escravos eram alvo de suas brincadeiras, travessuras e maldades. Apesar de ser apenas uma criança, já era considerado um “menino diabo”.

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de “menino diabo”; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, discreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher de doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer a minha mãe que a escrava é que estragara o doce “por pirraça”; e eu tinha apenas seis anos (ASSIS, 1998, p. 36).

Como o próprio autor nos relata, ele era maldoso, vingativo e ardiloso com os escravos. Não media esforços para machucá-los ou coloca-los em situações difíceis, prejudicando o trabalho e o bom andamento da casa.

Brás Cubas nos apresenta Prudêncio pela primeira vez no capítulo XI “O Menino é Pai de Homem”. O escravo era o moleque da casa e servia como cavalo ao narrador. Provavelmente era filho de alguma das escravas da casa.

Prudêncio, o moleque da casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, — algumas vezes gemendo, — mas obedecia sem dizer palavra, ou quando muito, um — “ai, Nhonhô!” — ao que eu retorquia: — “Cala a boca, besta!” (ASSIS, 1998, p. 36).

Sem se importar com seu tamanho ou peso, o menino diabo “selava” o escravo e o fazia cavalgar por tempo indeterminado, até o sinhozinho se cansar. Por vezes o moleque escravo gemia, suportando um peso igual ou superior ao seu, além de levar chicotadas, mas não reclamava. Brás Cubas não o chamava de escravo, serviçal ou negro, o humilhava chamando-o de besta, pois o considerava como tal, comparando-o a um animal selvagem.

O sinhozinho estava apenas reproduzindo os maus-tratos que presenciava no seu entorno. Para ele os escravos eram um tipo de objeto ou animal, que deveriam ser usados,

servindo-lhe com bem quisesse ou um ser inanimado, que não sente dor e não tem sentimentos. Não há relatos que o defunto autor foi alguma vez repreendido por seus pais, ou seja, houve convivência por parte deles ou até mesmo o apoio.

[...] meu pai, passado o alvoroço, dava-me pancadinhas na cara, e exclamava a rir: Ah! Brejeiro! ah! brejeiro[...] meu pai respondia que aplicava na minha educação um sistema inteiramente superior ao sistema usado; e por esse modo, sem confundir o irmão, iludia-se a si próprio” (ASSIS, 1998, p. 37).

Suas maldades eram desconsideradas por seu pai, já sua mãe “[...] era uma senhora fraca, de pouco cérebro e muito coração, sinceramente piedosa[...]” (ASSIS, 1998, p. 37). Com pais cúmplices de suas maldades, ele crescia, machucando, ofendendo, causando dor e sofrimento aos escravos.

Brás Cubas selava o Prudêncio todos os dias, fustigando-o. As marcas da violência física, verbal e psicológica eram renovadas constantemente.

No capítulo XXV intitulado “Na Tijuca”, Brás Cubas quis ficar sozinho após a morte de sua mãe. Mesmo alguns insistindo com ele para que não ficasse só, não quis, preferiu a solidão. “Um dia, dois dias, três dias, uma semana inteira passada assim, sem dizer palavra[...]” (ASSIS, 1998, p. 63). Para Brás Cubas, ele ficou sozinho durante toda a semana, mas Prudêncio, o escravo, estava o tempo todo ali, mudo, sem dizer uma só palavra. Como era apenas um escravo, não era ninguém ou era considerado apenas um ser inanimado, como parte do ambiente, como as roupas, a espingarda ou os livros. “No sétimo dia, acabada a missa fúnebre, travei de uma espingarda, alguns livros, roupa, charutos, um moleque, — o Prudêncio do capítulo XI[...]” (ASSIS, 1998, p. 62).

Meti no baú o problema da vida e da morte, os hipocondríacos do poeta, as camisas, as meditações, as gravatas, e ia fechá-lo, quando o moleque Prudêncio me disse que uma pessoa do meu conhecimento se mudara na véspera para uma casa roxa, situada a duzentos passos da nossa (ASSIS, 1998, p. 63).

Brás Cubas provavelmente se esqueceu que estava acompanhado de alguém. Só se deu conta que não estava só quando Prudêncio quebrou o silêncio anunciando que uma pessoa conhecida havia se mudado recentemente e estava morando bem próximo a eles.

No capítulo XLVI intitulado “A Herança”, o centro das atenções está na partilha dos bens da herança, após o falecimento de seu pai. Aqui, Prudêncio era como um objeto ou um tipo de bem a ser partilhado por Brás Cubas e sua irmã Sabina.

— Ora, mano, deixe-se dessas coisas, disse Sabina, erguendo-se do sofá; podemos arranjar tudo em boa amizade, e com lisura. Por exemplo, Cotrim não aceita os pretos, quer só o boleeiro de papai e o Paulo[...]

— O boleeiro não, acudi eu; fico com a sege e não hei de ir comprar outro.

— Bem; fico com o Paulo e o Prudêncio.

— O Prudêncio está livre.

— Livre?

— Há dois anos.

— Livre? Como seu pai arranjava estas coisas cá por casa, sem dar parte a ninguém! Está direito. Quanto à prata[...] creio que não libertou a prata? (ASSIS, 1998, p. 85).

Pela surpresa da Sabina, ela não sabia que Prudêncio estava livre. Ficou indignada que seu pai alforriou um escravo, um bem valioso em seu tempo. Era como jogar dinheiro fora. Sua surpresa está no fato que ele continuava servindo a família, morando ali e como nada havia mudado, para ela, ele continuava com a vida de escravo, mesmo sendo um homem livre.

É no capítulo LXVIII intitulado “O Vergalho” que Machado de Assis usa de ironia para escrever o desfecho da história de Prudêncio, agora não mais como um escravo, mas como senhor de escravo. Brás Cubas caminhando pela rua e refletindo sobre vários assuntos tem seus pensamentos interrompidos quando algo lhe chama a atenção.

Interrompeu-mas um ajuntamento; era um preto que vergalhava outro na praça. O outro não se atrevia a fugir; gemia somente estas únicas palavras: —“Não, perdão, meu senhor; meu senhor, perdão!” Mas o primeiro não fazia caso, e, a cada súplica, respondia com uma vergalhada nova.

— Toma, diabo! dizia ele; toma mais perdão, bêbado!

— Meu senhor! gemia o outro.

— Cala a boca, besta! replicava o vergalho.

Parei, olhei[...] Justos céus! Quem havia de ser o do vergalho? Nada menos que o meu moleque Prudêncio, — o que meu pai libertara alguns anos antes. Cheguei-me; ele deteve-se logo e pediu-me a benção; perguntei-lhe se aquele preto era escravo dele.

— É, sim, Nhonhô.

— Fez-te alguma coisa?

— É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei ele na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber.

— Está bom, perdoa-lhe, disse eu.

— Pois não, Nhonhô. Nhonhô manda, não pede. Entra para casa, bêbado! (ASSIS, 1998, p. 111).

As pessoas estavam reunidas em praça pública. Todos olhavam, mas ninguém fazia absolutamente nada, pois era considerada uma prática “normal” para seus dias, um senhor castigar seu escravo publicamente.

Esses dados são perturbadores. Significam que os valores da escravidão eram aceitos por quase toda a sociedade. Mesmo os escravos, embora lutassem pela própria liberdade, embora repudiassem sua escravidão, uma vez libertos admitiam escravizar os outros. Que os senhores achassem normal ou necessária a escravidão, pode entenderse. Que libertos o fizessem, é matéria para reflexão (CARVALHO, 2011, p. 49).

A personagem Prudêncio, após sua alforria, tinha liberdade para fazer o que quisesse e gozar desta liberdade. Entretanto, teve o desejo de comprar um escravo, tornar-se senhor dele e reproduzir os mesmos sofrimentos que anos antes sofreu. Sua falta de consideração e compaixão são evidentes, levando em conta que aquele a quem ele castigava era da mesma etnia que a sua. Ele tinha apenas um sentimento: a dominação. O narrador chega à conclusão que seu moleque precisava se desfazer dos castigos impostos castigando a outros.

Após a cena, Brás Cubas, fazendo uma reflexão sobre o que acabara de presenciar, chegou à conclusão que Prudêncio só reproduzia os sofrimentos a que foi submetido.

Saí do grupo, que me olhava espantado e cochichava as suas conjecturas. Segui caminho, a desfiar uma infinidade de reflexões, que sinto haver inteiramente perdido;[...] Logo que meti mais dentro a faca do raciocínio achei-me um miolo gaiato, fino, e até profundo. Era o modo que o Prudêncio tinha de desfazer das pancadas recebidas, — transmitindo-as a outro. Eu, em criança, montava-o, punha-lhe um freio na boca, e desancava-o sem compaixão; ele gemia e sofria. Agora, porém, que era livre, dispunha de si mesmo, dos braços, das pernas, podia trabalhar, folgar, dormir, desagrilhoado da antiga condição, agora é que ele se desbancava: comprou um escravo, e ia-lhe pagando, com alto juro, as quantias que de mim recebera (ASSIS, 1998, p. 111).

Numa tentativa de encontrarmos uma explicação para a reprodução do mal sofrido por Prudêncio, Étienne de La Boétie, filósofo francês, no Discurso da Servidão Voluntária, nos dá uma explicação. Segundo o filósofo, quando os homens são castigados, ao invés de reprovarem a atitude, de maneira inexplicável eles acabam absorvendo esse comportamento e reproduzem o mal sofrido por seus agressores assim que surge uma oportunidade (BOÉTIE, 2001).

A liberdade, casada à emancipação econômica, fez de Prudêncio um homem responsável para com a instituição, adotando-a, nas suas normas e valores, interiormente. Deu-lhe, também, o meio de cobrar, no degrau inferior, o funcionamento da ordem social, cuja base é a hierarquia (FAORO, 1974, p. 338).

Anos haviam passado, mas Prudêncio continuava fiel ao seu antigo senhor. Mesmo sendo livre, continua submisso ao Nhonhô. A pedido de Brás Cubas, ele cessou o espancamento de seu escravo. “Pois não, Nhonhô. Nhonhô manda, não pede” (ASSIS, 1998, p. 111).

CONCLUSÃO

Este trabalho procurou evidenciar nos quatro capítulos abordados: “O Menino é Pai de Homem”, “Na Tijuca”, “A Herança” e “O Vergalho”, a posição do autor com relação a escravatura, dando voz aos personagens, com destaque para Prudêncio, negro alforriado. O escritor não procurou defender a escravidão, mas com genialidade e humor crítico, procurou retratá-la, tal qual era em seu tempo.

As críticas e ironia de Machado de Assis não são proferidas contra um indivíduo isolado, mas a um nível da sociedade, a burguesia, que se beneficiava do trabalho escravo, desprezando e agredindo aqueles que os serviam constantemente.

No livro, Brás Cubas, o autor defunto, escreve sua vida do começo ao fim. Recordar-se de quando era criança, sua traquinagens, malvadezas e como maltratava os escravos, em especial Prudêncio, criado que o acompanhou até a fase adulta.

A figura do negro era ignorada por certa classe da sociedade, geralmente por seus donos, em alguns momentos. Não tinham voz e não eram percebidos, a menos que seus senhores tivessem alguma necessidade ou precisassem de algo. Em pleno século XXI não mudou muita coisa!

Eles estavam presentes em todos os ambientes para trabalhar e servir, mas a menos que fosse necessário seus proprietários falarem com os serviçais, passavam despercebidos, como se fizessem parte da mobília ou decoração, sem vida, inerte. Entretanto, eram tidos sempre como possíveis suspeitos de praticar furtos, roubos e outros crimes, pelo simples fato de serem negros, pobres e dominados, além de serem suspeitos de se vingar de seus senhores denunciando seus erros.

Antes de ser livre, quando moleque, Prudêncio era o “animal” de estimação do narrador. Após crescerem, era um servo mudo, entretendo conversa apenas quando

necessário. Após ser alforriado pelo pai de Brás Cubas, tornou-se um homem livre, poderia ter feito o bem, mas ao invés, reproduziu o mal imposto a ele durante parte de sua vida.

Infelizmente pessoas que sofrem opressão, violência e maus-tratos, acabam reproduzindo essas ações em outros, sempre que surgem ocasiões. Prudêncio reproduziu a violência física, verbal e psicológica que sofreu por Brás Cubas assim que se tornou senhor de um escravo. A mesma palavra ouvida tantas vezes por ele, “besta”, acabou reproduzindo e ofendendo, humilhando seu escravo em praça pública.

REFERÊNCIAS

- ACHCAR, F., & ANDRADE, F. T. (2006). Os livros da Fuvest - Unicamp - I. São Paulo, São Paulo, Brasil: Cered - Centro de Recursos Educacionais.
- ASSIS, M. d. (1998). Memórias póstumas de Brás Cubas (5. ed.). São Paulo, São Paulo, Brasil: Editora FTD S.A.
- BOÉTIE, E. d. (2001). Discurso da servidão voluntária (4 ed.). São Paulo, São Paulo, Brasil: Editora Brasiliense.
- BRASIL, M. d. (s.d.). Machado de Assis - cronologia. Acesso em 03 de 01 de 2022, disponível em Machado de Assis - vida e obra: <https://machado.mec.gov.br/#>
- CADEMARTORI, L. (1985). Períodos literários. São Paulo, São Paulo, Brasil: Editora Ática.
- CARVALHO, J. M. (2011). Cidadania no Brasil: o longo caminho (14 ed.). Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil: Civilização Brasileira.
- CASTRO, M. d. (1993). Língua e literatura. São Paulo, São Paulo, Brasil: Editora Saraiva.
- FAORO, R. (1974). Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio. São Paulo, São Paulo, Brasil: Companhia Editora Nacional.
- FARACO, C. E., & MOURA, F. M. (1998). Língua e literatura - Faraco e Moura (18 ed., Vol. 2). São Paulo, São Paulo, Brasil: Editora Ática.
- LETRAS, A. B. (s.d.). Biografia - Machado de Assis. Acesso em 03 de 01 de 2022, disponível em Academia Brasileira de Letras: <https://www.academia.org.br/academicos/machado-de-assis/biografia>
- NICOLA, J. d. (1990). Literatura brasileira: das origens aos nossos dias (2 ed.). São Paulo, São Paulo, Brasil: Scipione.
- SAYERS, R. S. (1958). O negro na literatura brasileira. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro.
- USP, U. d. (s.d.). Realismo - naturalismo. Acesso em 03 de 01 de 2022, disponível em <http://www.nilc.icmc.usp.br/nilc/literatura/realismo.naturalismo1.htm>

Enviado em: 05/01/2022.

Aceito em: 24/10/2022.